

O aspecto do auxiliar

The auxiliary aspect

Teresa Cristina Wachowicz
UFP

Abstract

The aspectual theories don't use to analyze periphrases (ROTHSTEIN, 2004; DELFITTO, BERTINETTO, 2000; LENCI, BERTINETTO, 2000). When mentioned, the first verb is called "aspectualizer verb" (to finish, to begin, etc.) (VERKUYL, 1999) or "aspectual auxiliar" (to be, to do, etc.) (ILARI, 2000; MENDES, 1999; CASTILHO, 2002). The aim of this paper is to analyze the role of the periphrases *vir* ('to come') + gerund, *ter* ('to have') + participle and *estar* (from the latin *stare*) + gerund in Brazilian Portuguese. The hypothesis is that these auxiliaries verbs have aspectual information that combine with the sentence structure: on the present, they bring by history the durative, homogeneous and atelic interpretation, in which the events denoted by the main verb are distributed. Our arguments are based on grammaticalization process and on some temporal semantic phenomena.

Keywords

Aspect, Periphrasis, Auxiliary.

Resumo

As teorias aspectuais não costumam analisar perífrases (ROTHSTEIN, 2004; DELFITTO, BERTINETTO, 2000; LENCI, BERTINETTO, 2000). Quando mencionadas, o primeiro verbo é chamado "verbo aspectualizador" (*acabar* ou *começar*, 'to finish', 'to begin', etc.) (VERKUYL, 1999) ou "auxiliar aspectual" (*ser*, *estar*, etc.) (ILARI, 2000; MENDES, 1999, CASTILHO, 2002). O objetivo deste artigo é analisar o papel das perífrases no presente *vir* + gerúndio, *ter* + particípio e *estar* (do latim

stare) + gerúndio no Português Brasileiro. A hipótese é que esses auxiliaries têm informação aspectual que combina com a estrutura da sentença: no presente, eles trazem por diacronia a interpretação durativa, homogênea e atélica, na qual os eventos denotados pelo verbo principal são distribuídos. Nossos argumentos são baseados no processo de gramaticalização e em fenômenos semânticos temporais.

Palavras-chave

Aspecto, Perífrase, Auxiliar.

0. INTRODUÇÃO

As teorias aspectuais costumam concentrar suas análises em verbos plenos, relacionando interpretações lexicais, flexionais e adverbiais em sentenças prototípicas como *Manuel correu no parque*, *Manuel corria no parque* e *Manuel corre no parque todos os dias* (VERKUYL, 1993, 2005; ROTHSTEIN, 2004; DELFITTO, BERTINETTO, 2000; LENCI, BERTINETTO, 2000). O primeiro verbo da perífrase é também tratado como verbo aspectualizador (VERKUYL, 1999) em algumas ocorrências como *João começou a trabalhar*, *João anda trabalhando demais*. O que se tem dito, entretanto, sobre o aspecto em estruturas perifrásticas como *Manuel tem corrido/vem correndo/está correndo no parque* é que os primeiros verbos são auxiliares aspectuais (ILARI, 2000; MENDES, 1999; CASTILHO, 2002). E o que significa dizer que um verbo auxiliar é aspectual?

O objetivo deste trabalho é abordar a leitura aspectual em sentenças com perífrases verbais, concentrando a atenção no papel dos verbos auxiliares *vir*, *ter* e *estar* no presente, pois esses são tradicionalmente tomados como auxiliares (CÂMARA JR., 1979; NEVES, 2000). A hipótese é a de que esses verbos carregam informação aspectual, mas isso, à semelhança dos verbos plenos, depende de léxico e flexão verbal em combinação com a estrutura da sentença. Os argumentos para defender essa idéia são de natureza histórica (seção 1), que envolve noções como de gramaticalização e auxiliarização, e de natureza semântica, que envolve interpretação aspectual em variações estruturais (seção 2). Os auxiliares *vir*, *ter* e *estar* no presente carregam historicamente o traço de duração, homogeneidade e atelicidade (CARDOSO, PEREIRA, 2003), dentro do qual podem ser distribuídos eventos denotados pelo verbo principal – contáveis, para a terminação do participio, e não-contáveis, para a terminação do gerúndio.

Teoricamente, se tomarmos a base reichenbachiana para o sistema temporal, e assumirmos que o aspecto está na relação entre o momento de

evento E e o momento de referência R (JOHNSON, 1981), e que o momento R só se justifica em tempos perfeitos (BERTINETTO, 1982), podemos defender que o verbo auxiliar, em projeção sintática específica para as perífrases exemplificadas, abre o intervalo do momento de referência dentro do qual os momentos de evento podem ser distribuídos (seção 3). Para outras perífrases, outras várias relações se estabelecem. Em usos concretos, essas perífrases ganham distinções a depender de objetivos discursivos específicos (seção 4).

1. A HISTÓRIA DOS AUXILIARES E O TRAÇO DE DURAÇÃO

É consenso na literatura a afirmação de que os verbos auxiliares derivam, por processo de gramaticalização, de verbos plenos. Mas não são quaisquer verbos que podem assumir historicamente o comportamento de auxiliar. Há traços semânticos, presentes em todos eles, que permanecem desde a fase lexical até a fase gramatical: o traço de duração e atelicidade. É um fenômeno conhecido como “persistência” (HOOPER, 1991, *apud* SQUARTINI, 1998), em que algum valor semântico lexical do antigo verbo pleno se mantém durante o processo de gramaticalização.

Tomando, inicialmente, perífrases verbais no presente, com os verbos *vir*, *ter* e *estar*, temos sentenças como em (1), com os auxiliares no presente e argumentos internos na estrutura de *bare plurals*,¹ que serão objeto principal de análise deste trabalho:

- (1) a. Os policiais vêm enfrentando problemas no trânsito.
- b. Marta tem pagado contas em dia.
- c. A medicina está encontrando vírus diferentes todos os dias.

Mattos-e-Silva (1989, 2001), tratando especificamente de seqüências verbais com *ser/haver/ter* + participípio, *ser/jazer/estar/andar/ir* + gerúndio e verbos quaisquer + infinitivo, centradas em ocorrências do português arcaico (entre os séculos XIII, XIV e XV), assume que os auxiliares derivam de um processo de gramaticalização, em que o sentido de verbo pleno vai se perdendo e, combinados com as formas nominiais do verbo principal, tornam-se “suporte das marcas de modo/tempo e pessoa/número da seqüência verbal” (MATTOS-E-SILVA, 2001, p. 62). Nosso intuito neste trabalho é provar

justamente que a categoria de aspecto também entra no rol de propriedades do auxiliar. Essa propriedade é lexical e justifica-se pelo fenômeno da “persistência” semântica na gramaticalização.

No caso de sentenças com *ter* + particípio (1b), o valor aspectual antigo é de ação conclusa, perfectiva. A autora defende que essa forma só se fixa no português como perífrase quando o verbo *ter* perde sentido de posse e o particípio deixa de ser flexionado em concordância com o objeto direto da sentença.² Nesses casos antigos, o particípio tem função adjetiva:

(2) *Aquelas cousas que ten aparelhadas.*

(3) *Os serviços que aviam feitos a seu padre.*³

No caso de sentenças com *estar* + gerúndio (1c), o valor aspectual é de ação durativa inconclusa, ou imperfectiva. O verbo, antes pleno (o *estar* vem do latim *stare* ‘estar de pé’), perde significado e entra em processo de gramaticalização (4). Há, porém, casos registrados no português arcaico da seqüência já com valor da perífrase (5):

(4) *Estando a hua feestra rogando Nosso Senhor.* (‘estando em uma janela rogando por nosso senhor’)

(5) *Stat spargendo medelas.* (‘está espalhando unguento’)

Com relação a outros verbos das perífrases de gerúndio, a autora justifica a não-continuidade de ocorrências das perífrases com *jazer* (do latim *jacere* ‘estar deitado’) e *ser* (do latim *sedere* ‘estar sentado’) em razão de eles não terem tido transformação semântica e, conseqüentemente, não terem entrado em processo de gramaticalização (*Ele jaz entrando/*Ele senta andando, inaceitáveis como perífrases). Já os verbos *ir* e *andar*, tal como o *estar*, gramaticalizaram-se: Ele vai pensando nisso/Ele anda pensando nisso.

Cardoso e Pereira (2003), centrando-se nas perífrases com *ter/haver* + particípio, preocupam-se igualmente com a história dessas seqüências, mas alongando a análise para as questões aspectuais, que nos interessam mais diretamente. Segundo as autoras, houve gramaticalização do verbo *ter* no português, que: “a) expressa um valor aspectual durativo; b) associa-se a uma classe de instantes construída como não delimitada” (p. 161). Logo, a designação “Pretérito Perfeito Composto” é inadequada, à medida que não

há mais perfectividade na maior parte das sentenças contemporâneas, com valor ora iterativo (6) ora cursivo (7) – com verbos estativos -, à exceção de ocorrências como (8), ainda vinculadas à leitura do português antigo:

- (6) João tem pintado a casa todos os anos.
- (7) Ela tem morado no campo desde a doença do pai.
- (8) João tem a casa pintada.⁴

Mas o que nos chama a atenção nos trabalhos de Mattos-e-Silva (2001) e Cardoso e Pereira (2003) são dois pontos. O primeiro diz respeito às propriedades semânticas dos verbos auxiliares. Os exemplos de Mattos-e-Silva, em especial os com particípio e gerúndio (já que os com infinitivo apresentam comportamento mais heterogêneo), trazem verbos auxiliares durativos e homogêneos, não denotando lexicalmente telicidade ou pontualidade: *ter, haver, ser, estar, jazer, ir e andar*, numa perspectiva como a de Bertinetto 2001, que subespecifica as classes aspectuais vendlerianas em traços, são ou estado ou atividade. Grosso modo, os traços de Bertinetto podem ser assim conceituados: 1) durativo é a propriedade de um evento que dura no tempo. Os *achievements* não são durativos porque são pontuais; 2) dinâmico é a propriedade de um evento que tem agentividade do sujeito (guardadas as ressalvas relativas à nomenclatura de papéis temáticos (CANÇADO, 2003); homogêneo é a propriedade de um evento que não muda de natureza. *Accomplishments* e *achievements* não são homogêneos porque têm telicidade:

TABELA 1
Subespecificação em traços das classes vendlerianas,
de Bertinetto (2001)

	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
<i>Estados</i>	+	-	+
<i>Atividades</i>	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

De fato, verbos *accomplishments* ou *achievements* não entram em lugar de auxiliar; só ocorrem em seqüências verbais ditas de predicação secundária (9):⁵

(9) João clica no nosso *link* pensando em você.

Além disso, os traços das perífrases, de duração e homogeneidade, dependem diretamente do auxiliar. Cardoso e Pereira (2003) assumem diretamente o verbo *ter* como portador do traço durativo, conforme visto anteriormente. Mas o que comprova isso é o fato de que, mesmo com verbos principais *achievements* (10) ou *accomplishments* (11),⁶ a sentença responde ao teste dos advérbios *em e por/durante*, que verifica duração – já apresentado pelo próprio Vendler (1967):

- (10) a. João tem encontrado/vem encontrando/está encontrando Maria durante todos esses anos.
b. João tem clicado/vem clicando/está clicando no nosso *site* durante dois meses.
- (11) a. João tem pintado/vem pintando/está pintando a casa durante todos esses anos.
b. João tem corrido até o parque/vem correndo até o parque/está correndo até o parque por quinze semanas.

O segundo ponto que emergiu das resenhas apresentadas até aqui é que a gramaticalização do auxiliar não é nem de longe um processo homogêneo. Para Mendes (1999), o processo de gramaticalização é definido por três considerações centrais: a) ela é um processo diacrônico; b) envolve sobretudo noções de morfologia; c) é unidirecional por natureza. Os verbos apresentam geralmente as seguintes ‘fases’ de gramaticalização: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero. Contrariamente ao modelo de gramaticalização da perda semântica (*bleaching*), em que o verbo auxiliar, em relação ao verbo pleno do qual ele deriva, apresenta perda de conteúdo semântico, Mendes defende o modelo de implicatura, em que o verbo auxiliar, na mesma relação com o verbo original, apresenta significado derivado de um mecanismo de implicatura, geralmente de um ‘mundo real, físico’ para o ‘mundo do discurso’. Esse caminho desenha uma espécie de ‘cadeia de extensão metafórica’ por

que passam, concomitantemente ou não, as expressões em processo de gramaticalização. Nesse sentido, as implicaturas seguem a seguinte seqüência: PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE (HEINE, HÜNNEMEYER, CLAUDI, 1991, *apud* MENDES, 1999).

Para os nossos exemplos das sentenças em (1), os verbos *vir*, *ter* e *estar* parecem estar cada um num estágio diferente de gramaticalização, embora ocorram casos que mostram estágios diferentes. Se eles sofrem alteração em seu significado no trajeto entre verbo pleno e verbo auxiliar, o verbo *vir*, inicialmente, parece ser o menos gramaticalizado, pois ainda mantém significado ‘referencial’ de localização espacial, mesmo em algumas sentenças com gerúndio em que se intercalam termos locativos (12). Esse é possivelmente o motivo por que Mattos-e-Silva (1989, 2001) e Cardoso & Pereira (2003) desconsideram perífrases com *vir*.

- (12) Muitas pessoas vêm pra cá tentando abrir postos. (Londrina, PR, VARSUL)⁷

O verbo *ter*, apesar de freqüente e produtivo em perífrase de participio do PB, ainda ocorre, sem estranhamentos, em construções resultativas [(8), repetida a seguir em (13)] – menos produtivas. Quer dizer, no processo de gramaticalização, já alterou seu significado outrora referencial, de posse:

- (13) João tem a casa pintada.

O verbo *estar*, por fim, sofreu maiores ‘implicaturas’ semânticas, pois o significado original, de ‘estar parado em pé’ – referencial – já não se verifica, a não ser em algumas sentenças com localizadores espaciais (14):

- (14) As crianças estão sempre em volta me pedindo pra contar historinhas. (Curitiba, PR, VARSUL)

Logo, não há como tratar esses verbos só como auxiliares. Em estruturas como (12)-(14), eles estão menos gramaticalizados e, portanto, sem comportamento de auxiliar. Já em sentenças como (1), eles já estão gramaticalizados e exibem forte comportamento de auxiliar.

Mas tanto numa fase quanto na outra, os traços aspectuais se mantêm: duração e homogeneidade. Julgo que a “persistência” desses traços (HOOPER, 1991, *apud* SQUARTINI, 1998) tem forte evidência empírica para comprovar

o valor aspectual das perífrases, bem como forte evidência teórica para comprovar a existência de um momento de referência R para a interpretação temporal-aspectual das sentenças. Esses dois pontos serão tratados nas seções seguintes.

2. A SEMÂNTICA DOS AUXILIARES E AS IRREGULARIDADES TEMPORAIS E ASPECTUAIS

Na seção 1, tratamos exclusivamente dos verbos *vir*, *ter*, *estar* no presente simples e quisemos mostrar que, em estágios diferentes de gramaticalização, esses verbos conservam os traços de duração e homogeneidade (=atelicidade), tendo, portanto, conteúdo aspectual.

As sentenças em (1), repetidas em (15), ainda mantêm as leituras de duração e homogeneidade, mas têm também interpretação iterativa:⁸

- (15) a. Os policiais vêm enfrentando problemas no trânsito.
- b. Marta tem pagado contas em dia.
- c. A medicina está encontrando vírus diferentes todos os dias.

Quer dizer, nessas estruturas, com verbos principais dinâmicos (ver tabela do Bertinetto na seção 1), e com modificações adverbiais de repetição, a leitura resulta iterativa. Em outras estruturas, com verbos não-dinâmicos, sem modificações adverbiais específicas de repetição, a iteratividade pode se neutralizar:

- (16) a. Os policiais vêm querendo aumento faz tempo.
- b. Marta tem morado em Curitiba desde 1990.
- c. A medicina está evoluindo.

Em outros termos, a iteratividade não é uma propriedade lexical nem flexional, mas sim um arranjo de combinações entre léxico, flexão, quantificação/modificação argumental e modificação adverbial, que resultam no valor final da sentença (CASTILHO, 2002, p. 116). No caso de (15), a iteratividade encontra lugar para acontecer na duração e homogeneidade presentes no léxico do auxiliar, bem como na imperfectividade do presente simples.

Como ficam as perífrases em outros tempos verbais? Variando a flexão verbal, variam igualmente as leituras, tanto sob o ponto de vista aspectual quanto temporal e até sob a perspectiva de gramaticalização. No passado imperfeito, o verbo *vir* e o verbo *estar*, por conta da flexão, exibem ação inconclusa (17 a, c), iterativa ou não, dependendo do léxico do verbo principal. Mas o verbo *ter* passa a ter implicações exclusivamente temporais: é como se ele desdobrasse o tempo em dois, localizando o evento do principal num momento anterior ao dele (17b):

- (17) a. Os policiais vinham enfrentando problemas no trânsito.
- b. Marta tinha pagado contas em dia.
- c. A medicina estava encontrando vírus diferentes todos os dias.

O caso de (17b) é o que Longo & Campos (2002) chamaram de perífrase temporal, em que o verbo auxiliar tem localização temporal separada do verbo principal, e em que o verbo auxiliar temporal, diferentemente dos auxiliares aspectuais (15 a,b,c e 17 a,c), atingiu “grau mais alto no processo de gramaticalização” (p. 456). Esse caso também é tratado diferentemente pela gramática tradicional, que chama os casos de “tempos compostos”, em detrimento das “locações verbais”. Mais do que confusão terminológica, a coexistência desses nomes parece ter fundamento – sobretudo histórico. Entre o que se costuma chamar de “locação verbal”, “perífrase verbal” e “tempo composto” parece haver um gradativo e crescente processo de gramaticalização, com implicações temporais diferentes. Voltaremos a essa discussão na última seção deste trabalho.

Retornando às variações flexionais dos verbos auxiliares, se estes estiverem no passado perfeito, há novas interpretações. O verbo *vir* e o verbo *estar* aceitam essa forma, mas o *vir* (18a) mantém significado de verbo pleno em ação conclusa e participa de uma estrutura de predicação secundária (FOLTRAN, 1999). O *estar* (18c), por sua vez, já gramaticalizado, só colabora para o valor perfectivo, de ação conclusa da sentença. Por outro lado, o verbo *ter* fica inaceitável (18b), o que parece evidenciar que dois contextos perfectivos não coocorrem dentro da mesma sentença:

- (18) a. Os policiais vieram enfrentando problemas no trânsito.
b. * Marta teve pagado as contas em dia.
c. A medicina esteve encontrando vírus diferentes todos os dias.

O que se procurou mostrar com essas variações temporais do verbo auxiliar – e outras tantas poderiam entrar aqui, caso houvesse mais tempo e espaço – é que essa posição é participante do ‘cálculo’ temporal, e sobretudo aspectual, da sentença. Mais ainda, cada estrutura sentencial, com suas opções lexicais, temporais, quantificacionais, adverbiais, etc, exibe um comportamento complexo próprio, com implicações semânticas e históricas diferentes em relação a outras estruturas.

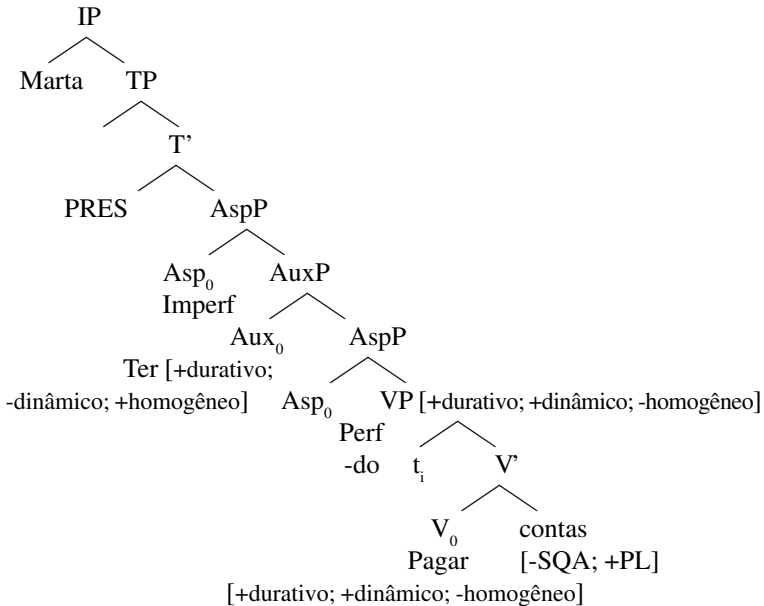
3. A REPRESENTAÇÃO DOS AUXILIARES E A RELAÇÃO R e E

A partir desse ambiente complexo de comportamento dos verbos auxiliares, em que suas funções semânticas dependem de flexões específicas em estágios diferentes de gramaticalização, uma preocupação que deriva imediatamente das observações empíricas diz respeito ao tratamento teórico que daria conta do número mais abrangente possível de casos numa proposta teórica o mais simples possível.

Até agora, algumas considerações foram explicitadas: a) os auxiliares *vir*, *ter* e *estar* no presente carregam traços aspectuais de duração e homogeneidade; b) em razão da persistência dos traços de duração e homogeneidade, esses auxiliares abrem um intervalo de tempo dentro do qual se podem escalonar os eventos denotados pelo verbo principal, conforme será recuperado das teorias aspectuais com tratamento baseado nos pontos temporais F, R e E, de Reichenbach (1947).

Ora, essas duas pistas nos direcionam a perspectivas teóricas aparentemente diferentes, mas não excludentes. A primeira volta-se às representações sintáticas, em que os valores aspectuais lexicais são traços (*aktionsart* e as subespecificações \pm durativo, \pm dinâmico e \pm homogêneo) do VP (ROTHSTEIN, 2004; VERKUYL, 2005), enquanto os valores aspectuais gramaticais são categorias sintáticas que operam sobre o léxico (\pm perfectivo). Seguindo aproximadamente a proposta de Beletti (1990 *apud* LENCI, BERTINETTO, 2000), uma representação rudimentar para uma sentença como (19a) seria a estrutura em (19b):⁹

(19) a. Marta tem pagado a conta.



O VP perfectivo *pagado a conta*, marcado pela terminação *-do*, denota um conjunto de eventos que podem ser contados, pois são completos e terminados. Esses eventos encontram o intervalo aberto denotado pelo auxiliar *tem*, imperfectivo, de denotação temporal presente, dentro do qual eles se distribuem. Assim, a sentença fica com valor aspectual imperfectivo e iterativo (CASTILHO, 2002).

Outra perspectiva teórica diz respeito à representação do sistema temporal com os momentos de fala F, de evento E e de referência R (REICHENBACH, 1947), que explicam sentenças no presente, em que os três momentos coincidem (*João fuma no jardim agora*: F/E/R), ou sentenças no passado (*João fumou no jardim ontem*: E/R - F) ou sentenças no futuro (*João vai fumar no jardim depois*: F - E/R) ou mesmo sentenças com detalhamento temporal (*João tinha fumado no jardim*: E - R - F). É consenso na literatura que a leitura temporal depende da relação entre o momento de fala e o momento de evento; e o da leitura aspectual depende da relação entre o momento de evento e o momento de referência (JOHNSON, 1981).

Muito se discutiu a partir de Reichenbach, mas um trabalho pontual para as nossas conclusões foi o de Bertinetto (1982), segundo o qual o momento de referência só se justifica teoricamente na representação de tempos compostos, e é denotado pelo verbo auxiliar. Em tempos simples, o momento de referência e o de evento coincidem, mas em tempos compostos, não. Adaptando o sistema reichenbachiano para o PB:

(20) Pretérito perfeito – *João comprou a casa*: E/R – F

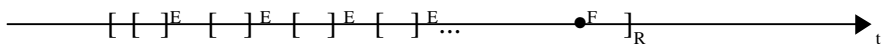
Passado mais que perfeito composto – *João tinha comprado a casa*:
E – R – F

Se formos generalizar os pressupostos de Johnson (1981) e de Bertinetto (1982) e, se formos resgatar nossas intuições da seção 1 e 2, podemos chegar às seguintes conclusões teóricas:

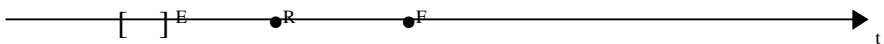
- 1) O aspecto está na relação E e R.
- 2) O momento do evento é denotado pelo verbo principal das perífrases.
- 3) O momento de referência é denotado pelo verbo auxiliar.
- 4) As perífrases estão em estágios distintos de gramaticalização. Logo, para os casos de (1), com os verbos *vir*, *ter* e *estar* no presente, a relação entre R e E, aspectual, é de sobreposição. Para os casos de (17b), com o verbo *ter* já em estágio avançado, só com implicações temporais, a relação entre R e E é de anterioridade/posterioridade. Em outros termos, o aspecto deriva de uma relação de inclusão entre R e E; enquanto implicações temporais derivam de uma relação de ordem entre R e E.

A diferença entre ‘Marta tem pagado a conta’ e ‘Marta tinha pagado a conta’, num *continuum* temporal, fica assim:

(21) Marta tem pagado a conta.



Marta tinha pagado a conta.



Numa semântica simplificada de linha temporal, essas representações limitam-se a indicar uma alternativa de distinção para as leituras das perífrases. Nos termos de Longo & Campos (2002), perífrases temporais têm relação de ordem entre E e R, e em perífrases de aspecto essa relação é de inclusão. O aspecto denotado pelos eventos E seria outra questão semântica que envolveria igualmente traço lexical e operação gramatical de flexões perfectivas e imperfectivas. E os inúmeros outros casos de perífrases, locuções e tempos compostos também poderiam receber tratamento nesses moldes.

4. ONDE OCORREM AS PERÍFRASES?

Parece inevitável, em se tratando de aspecto, tratar de questões relacionadas ao ambiente contextual e discursivo em que as sentenças estão inseridas, pois “during the past few years linguists have become more and more aware of the inadequateness of a purely sentential framework in the analysis of tense and aspect phenomena”¹⁰ (BERTINETTO, 1982, p. 48).

A perífrase *estar* + gerúndio é bastante produtiva na fala, sobretudo em diálogos informais (LONGO, CAMPOS, 2002, p. 460). É a perífrase que tematiza as discussões encaloradas sobre o gerundismo, sobretudo na imprensa escrita. Sua ambigüidade, entre os valores episódico e iterativo (WACHOWICZ, 2003), bem como sua forte mobilidade temporal (passado, presente, futuro), propiciam que ambientes de diálogo resolvam ambigüidades pelo contexto de fala.

Já as perífrases *vir* + gerúndio e *ter* + particípio, no presente, tem maior ocorrência em registros formais da escrita.¹¹ É um dado revelador, pois há uma tendência generalizante sobre o uso de perífrases no PB, que defende um crescente emprego de perífrases no português falado. Na esteira do raciocínio das seções anteriores, podemos defender aqui a idéia de que essa tendência depende da perífrase. Quanto mais ambígua, maior o uso na fala, pois o contexto pragmático resolve. Quanto mais estruturalmente comprometida com uma leitura (a iteratividade presente do *vir* + gerúndio e *ter* + particípio), maior o uso em contextos formais, pois a estrutura – morfológica, sintática, semântica – resolve.

Mas as perífrases *vir* + gerúndio e *ter* + particípio também têm distinções de usos. Isso se verifica por condicionamentos discursivos. Há uma tendência de referência específica associada ao uso de *ter* + particípio [(25)-(27)], em

que os eventos podem ser escalonados no tempo, em detrimento de uma referência genérica de *vir* + gerúndio [(22)-(24)], em que os eventos se mesclam numa repetição indeterminada implicada no tempo. As sentenças coletadas do Varsul ilustram isso:

- (22) Daí vem vindo outras coisas. (Pato Branco, PR)
- (23) Através daquilo que vem... que vem vindo e daí você vai amadurecendo pra você pensar diferente. (Pato Branco, PR)
- (24) As pessoas vêm pensando em ter uma vitória. (Londrina, PR)
- (25) Ele tem pregado bastante a palavra de deus. (Londrina, PR)
- (26) É um grande pistoleiro que aqui tinha por nome de augusto cela e esse por várias vezes tem atacado muito essa região. (Pato Branco, PR)
- (27) A faculdade não tem falado muito em teatro. (Irati, PR)

Obviamente, há casos em que essa separação fica questionável, como em *Tem chovido bastante*, mas parece haver uma orientação de *vir* + gerúndio para a referência genérica, e de *ter* + particípio para a referência específica. Além da constatação estrutural nas sentenças de argumentos específicos [(25) a (27)] ou genéricos [(22) a (24)] associados a perífrases com particípio ou com gerúndio, há uma questão mais ampla, sobre gênero textual: Qual o tipo de texto subjacente a cada uso?

Bronckart (2003), na base da orientação bakhtiniana de tratamento discursivo de textos orais e escritos, sistematiza uma conceituação de gênero textual associada muito mais a construções sociais do que a ‘formatos’ ou ‘fôrmas’ fixas de tipologia textual, presentes em manuais didáticos de redação. ‘Gênero textual’ é então um produto discursivo social e historicamente motivado, cuja composição, dependente então do contexto, combina dois eixos discursivos (ou tipos de discurso): o NARRAR e o EXPOR. O eixo do NARRAR está associado à elaboração de histórias, narrativas, textos informativos, que predominantemente exibem trechos referenciais, de semântica específica. Bronckart ilustra esse fenômeno ao uso de verbos no pretérito perfeito. Já o eixo do EXPOR está associado a textos científicos, opinativos, descritivos, que exibem trechos atemporais, de semântica genérica. Verbos no presente simples ou no pretérito imperfeito são predominantes aqui.

Para a distinção de uso de *ter* + particípio e *vir* + gerúndio, há conclusões interessantes a serem tiradas. Nas entrevistas do Varsul, o informante era solicitado a descrever hábitos do lugar em que ele vive: como as pessoas trabalham, como é o movimento econômico, etc. Espera-se, então, que ele construa sua fala inicialmente orientada ao EXPOR, mas trechos do NARRAR surgem naturalmente para a ilustração do que se disse genericamente. Quer dizer, o informante vai do abstrato/genérico para o concreto/específico (e/ou vice-versa), sobretudo para responder à intencionalidade argumentativa – visto que o entrevistador deveria acreditar nele. De uma asserção de que ‘há muita violência nesta região’ para a exemplificação de que ‘o pistoleiro augusto cela tem matado muita gente por aqui’, há um fenômeno semântico de requantificação (ILARI, 2001, p. 208) que ilustra o caminho do EXPOR para o NARRAR. E isso baliza minimamente o uso de *ter* + particípio em detrimento de *vir* + gerúndio.

Além dos registros de fala do Varsul, dados da imprensa escrita, mais numerosos, também sugerem a distinção:

- (28) Lula tem mantido a taxa de juros equilibrada. (Gazeta do Povo, 17/04/2005)
- (29) A medicina chinesa vem mostrando que doenças graves podem ser tratadas com erva. (Folha de S. Paulo, 14/04/2005)

Os critérios variacionistas e textuais apresentados anteriormente, sobre o uso das perífrases, mais do que localizar concretamente sentenças de interesse sintático-semântico, podem novamente confirmar um preceito teórico defendido por Bertinetto (1982), segundo o qual o momento de referência “deve ser sempre inferido do contexto sempre que tempos compostos são usados” (p. 70 – tradução minha).

A perífrase *estar* + gerúndio no presente é empregada em contextos em que o falante descreve ações, no eixo do EXPOR, ora para referência de indivíduos concretos (*João está trabalhando*), num trecho descritivo ora para referência de indivíduos abstratos ou genéricos (*A doença está tomando conta do brasileiro*), num trecho expositivo (MARCUSCHI, 2005; SCHNEWLY, DOLZ, 2004). Essas orientações discursivas determinam os pontos de referência que se relacionarão com os momentos de evento, delimitando episodicidade vs. iteratividade, dependendo do contexto.

5. CONCLUSÃO

O presente artigo teve a intenção de provar que os verbos tradicionalmente tidos como auxiliares têm traços aspectuais específicos derivados de processo histórico da gramaticalização. Em sentenças no presente, por exemplo, os verbos *vir*, *ter* e *estar* contêm, por persistência semântica, os traços de duração e homogeneidade (seção 1), o que sofrerá variações interpretativas dependendo do tempo do auxiliar (seção 2). Na explicação teórica, esses traços abrem intervalos dentro dos quais os verbos principais escalonam repetição de eventos (seção 3), tendo o particípio maior participação em orientações discursivas para a narração, e o gerúndio maior participação nas orientações para a exposição (seção 4).

Se o comportamento aspectual das perífrases e seus auxiliares depende de situações estruturais da sentença – flexão, quantificação, léxico, etc. –, formando um quadro complexo de situações semânticas, em que cada caso é um caso, e se ilustramos minimamente o comportamento de três delas – com *vir*, *ter* e *estar* no presente –, o quadro de descrição de outras tantas perífrases pode ficar igualmente complexo. É um terreno de investigação no mínimo imbricado, mas muito interessante.

NOTAS

¹ A escolha do tempo presente nas perífrases se justifica por razões metodológicas. Conforme será visto na seção X, a variação do tempo do verbo auxiliar, bem como variações quantitativas do argumento interno trazem implicações semântico-aspectuais variadas. Optamos inicialmente pelo presente como opção de ponto de partida para a análise.

² Ilari (2000), em revisão da literatura sobre a perífrase, denomina essas perífrases passado composto.

³ Os exemplos (2) a (4) são extraídos de Matos-e-Silva (2001); e (5), de Câmara Jr. (1979).

⁴ Os exemplos (6) a (8) são extraídos de Cardoso & Pereira (2003, p. 161, 162).

⁵ A predicação secundária se verifica em sentenças em que há estrutura de predicação complexa, com um jogo de atribuição temática específica. Nos termos de Rothstein (1997) (*apud* FOLTRAN, 1999), “A é um predicado secundário de

B se A é predicado de B, e A e B estão numa relação de c-comando mútuo e B é q-marcado por um núcleo não contido em A; se A é um predicado secundário de B, então A e B formam um exemplo de predicação secundária”. Um exemplo: João chegou cansado.

⁶ Estou assumindo que as classes aspectuais e respectivos traços são propriedades lexicais do verbo, conforme Rothstein (2004) e inúmeros outros autores que diferenciam aspecto lexical de aspecto gramatical (LENCI, BERTINETTO, 2000; VERKUYL, 2005). Quer dizer, a terminação *-do* e *-ndo*, dos verbos principais, dizem respeito à interpretação do aspecto gramatical: perfectivo e imperfectivo.

⁷ Exemplo extraído do projeto VARSUL-PR, coletado pela bolsista de Iniciação Científica (2004-2006), Sirlei Cavalli de Oliveira, da UFPR.

⁸ Assumo aqui, seguindo Castilho (2002), que o valor iterativo existe e é aspectual, pertencente à face quantitativa do aspecto, ao lado do episódico, e ao contrário da face qualitativa, que engloba os valores perfectivo e imperfectivo.

⁹ Seguindo pressupostos do modelo de Princípios e Parâmetros, da Gramática Gerativa das décadas de 1980 e início de 1990, as categorias propostas por Beletti têm projeções máximas em (19b) que podem ser assim traduzidas: IP = Inflectional Phrase; TP = Temporal Phrase; AspP = Aspectual Phrase; AuxP = Auxiliary Phrase; VP = Verbal Phrase. As discussões teóricas relativas ao modelo adotado fogem aos objetivos deste trabalho. Quanto aos traços do NP *contas*, podem ser assim traduzidos: -SQA = NP não especificado quantitacionalmente (VERKUYL, 1993); PL = plural.

¹⁰ ...“nos últimos anos os lingüistas têm ficado cada vez mais conscientes da inadequação de um tratamento puramente sentencial na análise do fenômeno de tempo e aspecto” (tradução minha).

¹¹ Em pesquisa orientada de Iniciação Científica, filiada ao projeto mencionado, ainda em andamento, foram observadas de duas a três perífrases *vir* + gerúndio e/ou *ter* + particípio em textos informativos padrão de jornal, com média de 30 linhas (versão *on-line*). Em contrapartida, foram registradas cerca de 40 dessas perífrases em dez entrevistas do VARSUL de aproximadamente 1 hora cada uma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTINETTO, Pier Marco. Intrinsic and extrinsic temporal reference. On restricting the notion of 'reference time'. *Journal of Italian Linguistics*, p. 71-108, 1982.

_____. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic confusion. In: CECETTO, C. et alii. *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 2003.

CAMARA Jr, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MULLER, A.L.; NEGRÃO, E.; FOLTRAN, M.J. (Orgs.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

CARDOSO, Adriana; PEREIRA, Susana. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista da ABRALIN*, v. 2, n. 2, p. 159-181, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. de. O aspecto verbal no português falado. In: *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. 7.

DELFITTO, Denis; BERTINETTO, Pier Marco. Word order and quantification over times. In: HIGGINBOTHAM, J.; PIANESI, F.; VARZI, Achille (Eds.). *Speaking of events*. New York, Oxford: Oxford University Press, p.245-287, 2000.

FOLTRAN, Maria José D. *Construções de Predicação Secundária do Português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. 1999. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ILARI, Rodolfo. Notas para uma semântica do passado composto em português. In: 4º CELSUL. Curitiba/UFPR, 2000. (mimeo)

_____. Alguns problemas no estudo da anáfora textual. *Revista Letras*, n. 56, Curitiba: Ed. UFPR, p. 195-215, jul/dez 2001.

JOHNSON, Marion R. A unified temporal theory of tense and aspect. In: TEDESCHI, P. J.; ZAENEN, A. (Ed.). *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, Inc, v. 14. p. 145-175, 1981.

LENCI, Alessandro; BERTINETTO, Pier Marco. Aspect, adverbs and events – habituality vs. Perfectivity. In: HIGGINBOTHAM, J.; PIANESI, F.; VARZI, Achille (Eds.). *Speaking of events*. New York, Oxford: Oxford University Press, p.245-287, 2000.

LONGO, Beatriz de O.; CAMPOS, Odette de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: *Gramática do português falado: Volume VIII – Novos estudos descritivos*. Campinas/SP: Ed da Unicamp, 2002.

MATTOS-e-SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.

_____. *O português arcaico – morfologia e sintaxe*. Série Repensando a língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZZERA, M.A. *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MENDES, Ronald Beline. *A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado*. 1999. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.

REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: Macmillan, 1947.

ROTHSTEIN, Susan. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspects*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SQUARTINI, Mario. *Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H. J. *A theory of aspectuality – the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Aspectual issues – studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

VERKUYL, H. J. How (in-)sensitive is tense to aspectual information? In: HOLLEBRANDSE, B et alii. *Crosslinguistic Views on Tense. Aspect and Modality* - Cahiers Chronos 13. Amsterdam, New York: Rodopi B.V. p. 145-169, 2005.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. 2003. 216 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pós Graduação em Lingüística, USP, São Paulo.